



DECISÃO Jogos pelo terceiro lugar arriscam ser melhores do que as finais

Mais que um consolo

VICTOR PARRINI

A história mostra que nem só de finais vive uma Copa do Mundo. Enquanto as atenções naturalmente se voltam para a briga de gigantes pelo título, entre Argentina e França no domingo, um dia antes, às 12h, o planeta bola terá uma espécie de esquentar de “luxo” com a decisão pelo terceiro lugar entre Croácia e Marrocos. Os algozes do Brasil nas quartas de final e a equipe sensação do Mundial no Catar entram em campo para defender o prestígio de uma partida que, em tese, ninguém gostaria de disputar. De fato, o terceiro lugar não é objetivo de nenhum país no início da competição. Porém, o encontro entre aqueles que não conseguiram dar o penúltimo passo pelo troféu costuma ser até mais movimentado a própria decisão.

Por se tratar de confrontos sem tanta pressão, a disputa pelo bronze do principal torneio do mundo costuma ter jogos mais abertos e até mesmo mais gols do que o prato principal no menu do Mundial. Das 21 edições anteriores da Copa do Mundo, 19 tiveram a decisão pelo último lugar no pódio. Somente as versões de 1930 e 1950 não tiveram o formato. Entre 1934 e 2018, o duelo que antecede a final soma 73 gols em 19 ocasiões. A final como conhecemos soma 68 gols em disputas que tiveram o duelo pela terceira colocação.

Até mesmo quando a final registrou a maior goleada da história, a partida pela terceira colocação apareceu para desbancar em números absolutos. Em 1958, a Seleção Brasileira goleou a Suécia

Manan Vatsyayana/AFP



Novo encontro entre Croácia e Marrocos promete ser diferente do empate sem gols na estreia do Grupo F

por 5 x 2 e bordou na camisa a primeira das cinco estrelas. Mas antes, França e Alemanha protagonizaram um show com nove bolas na rede, que terminou a vitória dos Bleus por 6 x 3. As goleadas alavancaram a média de gols das disputas pelo pódio. O índice é de 3,84 bolas na rede por partida, superando os 3,57 das badaladas finais.

Se consideramos apenas as últimas 10 edições, de 1982 até 2018, o terceiro lugar tem uma média confortavelmente superior às das finais, com quatro gols contra 2,5 nas decisões.

A disputa pelo terceiro lugar é muito além de um consolo para os envolvidos. É a chance de quebrar paradigmas e mostrar que o futebol segue evolução e não há mais bobos por aí. Croácia e

Marrocos sabem bem. Os balcânicos parecem ter gostado dessa brincadeira de figurar entre os melhores da Copa do Mundo. Vice-campeões em 2018, eles querem sair bem na foto do pódio, assim como em 1998.

“O mundo nos dá grande respeito após a derrota (para a Argentina). Nossos fãs estão muito orgulhosos de estarmos entre os 4 melhores do mundo. Assim como na Rússia em 2018, agora no Catar, sou o orgulhoso capitão da seleção que mais uma vez demonstrou a força, a união, a coragem e o caráter dos lutadores da nossa Croácia”, ressaltou Luka Modric.

Maior surpresa do primeiro Mundial no Oriente Médio, Marrocos faz uma campanha que orgulha africanos e árabes. Jamais

um time do continente havia ultrapassado a barreira das quartas de final, muito menos desembarcar em uma decisão pelo terceiro lugar. Apesar da eliminação para a França, os queridinhos do torneio têm a sensação de dever cumprido.

“Nós temos que ser orgulhosos do que fizemos. Lutamos até o último segundo e saímos com a nossa cabeça erguida. Nós vamos continuar a tentar e dar tudo por nossa nação. Obrigado, marroquinos, pelo suporte”, escreveu o lateral-direito Hakimi.

Há 23 dias, marroquinos e croatas se enfrentaram na estreia do Grupo F. Na ocasião, o zero foi persistente. Agora, sem o peso de competir por vaga ou troféu, a expectativa é de chuva de gols no deserto catari.

DRIBLE DE CORPO NA COPA

Por Marcos Paulo Lima



Quando o troféu em disputa era Higuaín

Protagonistas da final inédita da Copa do Mundo no domingo, às 12h (de Brasília), no Estádio Icônico Lusail, Argentina e França já disputaram um centroavante a tapa nas divisões de base. Estava em jogo o “troféu” Gonzalo Gerardo Higuaín. Lembra dele?

Higuaín é aquele do incrível gol perdido na decisão de 2014 contra a Alemanha, no Maracanã. Ele é filho do ex-zagueiro do Boca Juniors e River Plate Jorge Higuaín. Em 1987, a família de Gonzalo morava na França. E lá nasceu o centroavante, em Brest. Morou 10 meses no país. Manteve a nacionalidade por 20 anos até que o futebol o colocou contra a parede.

Observado pelo então técnico da França Raymond Domenech, Higuaín foi convocado para defender a seleção gaulesa em 2006. O treinador pretendia testá-lo em um amistoso contra a Grécia. Higuaín recusou o chamado. Pressionado pela Associação de Futebol Argentina (AFA), escolheu a camisa alviceleste. As justificativas foram apresentadas à época ao jornal *L'Équipe*.

“Foi uma decisão tomada com o coração. Todos os meus amigos, minha família e meu futebol são da Argentina. Não poderia ter tomado outra decisão”, afirmou o jogador.

Higuaín disputou 75 jogos com a camisa da Argentina e marcou 32 gols. A última exibição dele foi contra a Nigéria na última rodada da fase de grupos da Copa do Mundo da Rússia, em 2018, por 2 x 1. Naquela edição, Higuaín não entrou em campo nas oitavas de final contra a França.

Há um caso inverso. David Trezeguet é de Rouen, na França, mas o primeiro time da carreira dele foi o Platense da Argentina. Nascido em 1977, cresceu idolatrando Diego Armando Maradona e Gabriel Batistuta — uma das referências dele. Atenta, a França jamais cogitou perdê-lo para a Argentina. Os hermanos sabiam da relação do jogador com o país europeu devido à história dos pais, porém Trezeguet estabeleceu prioridades quando virou atleta profissional.

“Eu nunca imaginei vestir a camisa da Argentina. Com o passar do tempo, pensei até se teria lugar na seleção sabendo dos centroavantes que eles tinham: Batistuta, Crespo... Eu também me questionava se me adaptaria ao estilo de jogo argentino”, explicou em uma entrevista ao *Marca*.

Embora tenha crescido na Argentina, Trezeguet sempre deixou transparente a prioridade para a França. “Os amigos me chamavam de ‘francês’ na Argentina porque sabiam onde eu havia nascido. A França está marcada na minha vida familiar. Tenho antepassados no sudoeste da França no século XIX. Meu pai jogou na França, meu local nascimento. Ao mesmo tempo em que eu me sentia argentino, tenho as minhas raízes. Sempre quis descobrir o meu país”, justificou Trezeguet. Campeão da Copa de 1998 e vice em 2006 pela França, Trezeguet praticamente encerrou a carreira no futebol argentino. Vestiu as camisas do River Plate e do Newell's Old Boys antes de pendurar a chuteira no Pune City da Índia. Histórias de centroavantes que poderiam ter feito carreira por seleções opostas. Higuaín teve chance de optar pela França. Trezeguet poderia ter escolhido a Argentina.

Houve um caso recente de tentativa de naturalização. O técnico Didier Deschamps é fã de carteirinha do goleiro Walter Benítez, de 29 anos. Argentino de San Martín com passagem pela Argentina sub-20, o ex-jogador do Nice esteve na mira da França até se mudar para o PSV Eindhoven da Holanda. Lembranças do tempo em que a rivalidade entre Argentina e França era pelo “Troféu Higuaín”. Agora, vale Copa do Mundo. O tricampeonato para uma delas.



Ouça os 18 episódios do podcast **Drible de Corpo na Copa**

PORTUGAL

Chegou ao fim a Era Fernando Santos na seleção portuguesa. Ontem, o experiente treinador foi demitido após seis anos de serviços prestados, com os títulos da Euro-2016 e Liga das Nações da Uefa 2019. Segundo a imprensa lusitana, José Mourinho é o mais cotado para assumir o cargo.

ARBITRAGEM

A Seleção Brasileira deixou a Copa do Mundo, mas o país segue representado na competição. No duelo entre Croácia e Marrocos, no domingo, o paulista Raphael Claus e o Bruno Pires trabalharão como quarto árbitro e operador dos lances de impedimentos no VAR.

PALMEIRAS

O Palmeiras acertou, ontem, a venda do atacante Endrick, de 16 anos, para o Real Madrid por até 72 milhões de euros (cerca de R\$ 408,6 milhões na cotação atual). O jogador fica no alviverde até julho de 2024, quando ele completará 18 anos e poderá atuar profissionalmente fora do país.

CORINTHIANS

O atacante Ángel Romero foi anunciado oficialmente, ontem, como o primeiro reforço do Corinthians para 2023. O paraguaio, de 30 anos, retorna ao Parque São Jorge, onde atuou de 2014 a 2018. Romero trabalha com os novos companheiros de time desde a quarta-feira.

